



## **FEMINISMO NEGRO, TRAJETÓRIAS SOCIAIS E AFETIVAS DAS ATIVISTAS NEGRAS NO RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO E SALVADOR: INTERSECÇÕES POSSÍVEIS**

Ana Cláudia Lemos Pacheco<sup>1</sup>  
Núbia Regina Moreira<sup>2</sup>

### *INTRODUÇÃO*

Esta comunicação é resultado de duas pesquisas: uma sobre feminismo negro e a outra sobre trajetórias afetivas e sociais de mulheres negras ativistas. A primeira focaliza a formação do feminismo negro nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, no período de 1985 a 1995 (MOREIRA, 2007). O seu objetivo é compreender como foi gestado e desenvolvido o Movimento de Mulheres Negras e como este foi representado politicamente frente ao feminismo hegemônico, isto é, de mulheres brancas e de classe média. O que se pensou foi analisar os processos de formulação da representação política das feministas negras brasileiras, entendendo, também, de como as representações e as práticas sociais destas mulheres nos dois movimentos sociais citados se imbricam na tessitura de suas trajetórias como feministas negras.

A segunda pesquisa analisou as trajetórias afetivas e sociais de 12 mulheres negras ativistas, lideranças do movimento social negro e de mulheres negras da cidade de Salvador, Bahia, no período de 2000 a 2005. Esta pesquisa (PACHECO, 2008) analisou os significados produzidos acerca da solidão e da afetividade das ativistas negras e sua relação com seus parceiros afetivos no interior do movimento negro. Através da análise das trajetórias dessas mulheres, identificamos a origem, os percursos e os discursos sobre os dois movimentos sociais citados, muitas vezes em conflito, à luz de suas narrativas e percepções sociais e políticas. (BOURDIEU, 1996; VELHO, 1999; KOFES, 1998). É o que mostraremos a seguir.

---

<sup>1</sup>Doutora em Ciências Sociais; Professora de Sociologia / Antropologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Pesquisadora colaboradora do Centro de Estudo dos Povos Afro-Índio-Americanos- CEPAIA- da Universidade do Estado da Bahia -UNEB. E-mail: ana\_pachecau@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em Sociologia-Universidade de Brasília- UNB e professora de Sociologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: nrmoreira2@yahoo.com.br



*O Feminismo Negro contemporâneo em São Paulo, Rio de Janeiro: discursos e representações*

Selecionamos alguns fragmentos das trajetórias políticas das mulheres negras entrevistadas. As trajetórias não obedecem necessariamente aos ciclos vitais, elas podem ser narradas de qualquer ponto; não existe um início e sim uma situação, contexto que desencadeia a narração de uma experiência individual imersa num contexto coletivo, assim como as relações forjadas no interior do campo. (BOURDIEU, 1996)

A trajetória política das mulheres negras entrevistadas foi iniciada no interior dos movimentos negros<sup>3</sup> e feministas. Isto não significa dizer que essas mulheres não tenham tido inserção em outros movimentos sociais, tais como movimentos estudantil, rural; favelas e partidos políticos. Movimentos sociais são:

Espaços institucionais ou não com características propositivas, capazes de colocar novas questões e gerar novas direções para análise teórica-política. [...] Não se constituem atores sociais ou sujeitos políticos homogêneos, mas se caracterizam pela heterogeneidade e diversidade. (ALVAREZ, DAGNINO, ESCOBAR, 2000, p. 39).

Algumas informantes acreditam que a organização do movimento de mulheres negras brasileira nasceu no interior desse movimento, com o qual jamais deveriam ter rompido os laços. Em certa medida, radicalizam ao considerar negativas as contribuições das feministas para a luta anti-racista no Brasil<sup>4</sup>.

Nós somos mulheres que nascemos no movimento negro. Então isso vai dar uma diferença muito grande nos relatos. Muitas vieram do movimento feminista e outras, no nosso caso, eu e Suellen, viemos do movimento negro. Então a interpretação sobre o que é o movimento, as suas bandeiras, as suas linhas; se aliam ou não com mulheres brancas, se alia ou não com homens brancos e negros, se alia ou não com mulheres trabalhadoras, etc.; etc..., vai ser diferenciada em função dessa experiências histórica. E a nossa experiência histórica é que nos somos oriundas...somos mulheres... que conhecemos...somos atuantes históricas dentro do movimento negros (.relato de Berenice, militante de São Paulo).

São essas contradições que motivarão as militantes negras dos movimentos negros a se organizarem em fóruns e, mais tarde, em organizações – espaços de combate e questionamento quanto à opressão de gênero e raça/cor – que se derivam em parte dos movimentos negros e feministas.

---

<sup>3</sup> A opção em utilizar movimentos negros se refere ao entendimento e compreensão da existência das diversas associações, fóruns, entidades e, mais recentemente na década de 90, ao aparecimento de ONGs de negros ou que têm sua luta política centrada na cultura negra ou na busca de uma conscientização política da população negra.

<sup>4</sup> Todos os nomes aqui citados nesta comunicação são fictícios.



Feminismo negro é uma corrente política que busca afirmar a possibilidade de direito de poder das mulheres de exercer espaços significativos na sociedade só que reconhece elementos que o feminismo de classe média não reconhecia para afirmação dessa identidade, desse poder. O feminismo das mulheres brancas reconhecia que para afirmação política vinha uma auto-afirmação individual, era muito maior do que da auto-afirmação da identidade geral que é ser mulher negra. É menos individualista, ainda que também tributário de filosofia individualista, é mais comunitário. Nesse sentido é muito mais próximo, porque ele agrega a ele questões sociais, econômicas e políticas. Não da política do cotidiano que o feminismo das brancas engloba mais, reivindica a política do cotidiano também, das relações interpessoais, embora reconheça o macro como determinante também dessas relações de poder. **(fala de uma militante carioca)**

Segundo Collins (1991); Caldwell (2000); Haraway (1990); Ribeiro (1995) e Bairros (1995), é nos anos 80 em diante que a primazia das categorias “mulher”, “masculino e feminino”, são questionadas por intelectuais e ativistas dos movimentos das mulheres negras, do movimento *gay* e lésbico, enquanto categorias duais e universais, visto que a utilização delas implicava em atenção às articulações entre as configurações histórico-sociais e as experiências das mulheres situadas nesses contextos. Isso pode ser identificado na trajetória de lideranças do movimento negro e do movimento de mulheres negras de Salvador, Bahia.

#### *O movimento negro e feminista na Bahia: em trajetórias*

Dandara iniciou sua militância política, muito cedo no movimento estudantil secundarista. No ginásio, participou das primeiras manifestações políticas do movimento em defesa da escola pública. Nesse movimento, conheceu muitas lideranças do sindicato dos professores, secundaristas, de partidos de esquerda. Segundo ela, as lideranças (femininas) lhe ajudaram a superar as dificuldades financeiras. Nesse período, no ginásio, muitas vezes, não tinha dinheiro, “um tostão” para se deslocar de condução de sua casa até a escola.

Em 1987, Dandara passou a fazer parte da juventude socialista, aproximando-se do partido comunista do Brasil. De 1987 até 1992, Dandara foi dirigente do grêmio estudantil de uma grande escola pública de Salvador. Neste ínterim, também foi dirigente da União Metropolitana de Estudantes Secundaristas de Salvador (UMES). A sua trajetória desde cedo foi marcada pelo ativismo político. No movimento estudantil, Dandara passou a conhecer pessoas do Movimento Negro organizado. Segundo ela:

Em 1991 eu tive o primeiro contato com o M.N (Movimento Negro). Mesmo em 1988 quando a UNEGRO (União de Negros pela Igualdade) foi fundada, eu me aproximei ..., mas, por algum motivo, naquela época não era importante para mim a questão racial, eu só pensava em Lênin, Marx e tal, era um movimento [estudantil] sem cor e sem cara feminina.

Em 1991, Dandara participou do primeiro Encontro Nacional de Entidades Negras realizado em São Paulo. Nesse Encontro ela inicia sua inserção no movimento negro organizado da Bahia, de acordo com seu depoimento:



Quando eu cheguei em São Paulo e vi o Pacaembu com pessoas negras do Brasil inteiro, aquilo deu uma coisa em mim, quando eu voltei para a Bahia, Pcdob, UJS (União da Juventude Socialista) não me diziam mais nada.

Nesse mesmo período, Dandara se aproximou do Movimento de Mulheres Negras Brasileiras<sup>5</sup>. Em 1991, participa do II Encontro Nacional, realizado em Salvador. Em 1992, ingressa no Coletivo de Mulheres Negras de Salvador, que surgiu como um desdobramento do Encontro Nacional. Em 1995, atua no Fórum Estadual de Mulheres de Salvador<sup>6</sup>. Desde o período citado, a informante tem tido uma atuação constante no Movimento de Mulheres, mas foi em 1998 que sua adesão ao Movimento Negro e de Mulheres Negras se deu de forma mais definitiva.

É importante destacar a importância que a política tem no ordenamento da percepção de mundo para as mulheres analisadas, sobretudo para as militantes do Movimento Negro. No caso da trajetória analisada a sua inserção no MN e no MMN é um demarcador simbólico e político na sua trajetória afetivo-sexual significada entre “antes” e “depois” de sua atuação política no movimento social negro. A prática política é uma fronteira simbólica importante nos discursos das ativistas aqui analisadas. Seus percursos sociais e políticos são importantes elementos definidores e redefinidores de suas escolhas afetivas. Isso fica evidente na continuação de relato de Dandara.

(...) aí quando eu retornei (...) eu tomei um choque eu não queria entrar num relacionamento somente porque a pessoa era negra, eu tinha que ter uma afetividade e eu tinha que resolver um problema que eu tinha vivido enquanto eu estava aqui em 1993. Aí, em 1998, depois que eu retornei ... tive uma conversa com pessoas do movimento negro, esta conversa foi decisiva para eu voltar para casa e eu saber que eu não podia continuar mentindo em minha vida, e que para eu estar com uma pessoa a cor era definitiva e que a questão racial era fundamental (...). Em 1998, eu voltei para casa e falei com essa pessoa, que era a minha companheira branca, terminei o relacionamento, esta pessoa não entendeu nada.

No relato de outra entrevistada, liderança do movimento negro e do movimento de mulheres negras soteropolitano, a política foi um “divisor de água em sua vida”. Nzinga na juventude conheceu um rapaz, namorou, engravidou, casou-se e se separou do seu parceiro, pai de sua filha. Depois que ingressou no movimento negro, por meio do grupo cultural que havia no seu bairro chamado, “Polêmica Negra”, a sua vida mudou.

Em 1998, após dissolução do “Polêmica Negra”, Nzinga filia-se ao Movimento Negro Unificado, uma grande entidade nacional do movimento negro organizado. Nesse período, ingressa no grupo de mulheres (GM) daquela entidade. Esse grupo, que funcionou de 1980 até 1995, tinha como objetivo elaborar políticas de intervenção de “gênero e raça” para as mulheres negras junto ao poder público na sociedade baiana, além disso, era um grupo que visava disputar poder no interior

---

<sup>5</sup> Sobre o histórico desse movimento no Brasil, ver Ribeiro (1995) e Pacheco (2002) e Moreira (2007).

<sup>6</sup> Era um Fórum geral que reunia mulheres de várias entidades do movimento social e mulheres “independentes”, sem filiação partidária.



da entidade, sobretudo contra os homens que ocupavam cargos de direção no âmbito municipal, estadual e nacional.

De 1998 até 1993, Nzinga participou do Grupo de Mulheres do MNU. Segundo o seu depoimento, este grupo tinha como objetivo debater e combater as práticas “machistas” dos homens com relação aos seus relacionamentos amorosos com as mulheres negras dentro e fora da organização política. Nesse espaço, boa parte das ativistas negras reclamavam de “rejeição da mulher negra pelo homem negro”, e da “solidão”; discursos até hoje predominantes nos grupos de mulheres negras organizadas.

Quando Nzinga iniciou sua militância política no movimento negro, sua preferência afetiva ganhou outro sentido. Outro dado acionado na entrevista da informante refere-se à preferência dos “militantes” negros por parceiras negras não-militantes e por parceiras brancas. Um dos argumentos de Nzinga e, também, das outras ativistas selecionadas, é que o homem negro “militante” não tem expectativas em manter relacionamentos duradouros com as mulheres negras ativistas. De acordo com a informante, as ativistas negras são “extremamente críticas”, são mulheres que “assustam os homens”. Segundo seu depoimento:

Uma mulher como eu? Os homens fogem, eles não gostam de ser questionados, de ter alguém que ameace a sua estabilidade. Eu tive uma experiência com um militante negro dentro da entidade (MNU) ...ele dizia o tempo todo que eu tinha capacidade de entender as coisas, porque a mulher dele não era militante, então ele achava que ela merecia cuidado, eu não, eu tinha que ser forte, não chorar, entender tudo... ser “mulher macho”, sim senhor”!

Com relação às concepções do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras, Mahin, uma grande liderança e intelectual negra do cenário baiana, falou das divergências no interior deste campo. No relato de Mahin, um grupo de homens teria sido expulso dentro da organização política do movimento negro devido á atitudes “machistas” com as mulheres desse campo e, também, devido às preferências afetivas destes por mulheres brancas ou de “pele clara”. Tais atitudes teriam desembocado no afastamento desses “militantes” da entidade. Entrevistando outras ativistas que fizeram parte dessa organização na época, esse fato foi, também, relatado. Havia uma delimitação bem nítida entre as práticas “machistas e feministas”, uma disputa que se configurava entre outros grupos pelos cargos de direção da mesma organização. Este fato revela, do ponto de vista das mulheres analisadas, as tensões entre as especificidades do “feminismo negro” e do movimento negro, traduzidas em várias disputas de poder entres os agentes no campo político, simbólico e afetivo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com a introdução da categoria analítica gênero, nas formulações das teóricas feministas, que se apresentara como uma ferramenta conceitual para “superar problemas relacionados à utilização de algumas das categorias centrais nos estudos sobre mulheres” (PISCITELLI, 2002, p. 16), não foi impedimento para a operacionalização daquela categoria de forma dual e distintiva como natureza/cultura revestida no par sexo/gênero <sup>7</sup>.

Segundo Ribeiro (1995), o que caracteriza o Movimento de Mulheres Negras Brasileiras com relação a outros movimentos, tais como o movimento negro e o movimento feminista é sua especificidade histórica. Esta especificidade se traduz também no campo teórico e acadêmico, haja vista, que a articulação gênero e raça enquanto um campo político e discursivo se deu tardiamente, se comparada com o contexto estadunidense, por exemplo. Por outro lado; as teóricas feministas brancas tem sido alvo de críticas por parte do segmento do movimento das mulheres negras devido a ausência do debate racial em suas formulações, algo que vem sendo superado, pois as pesquisas que tratam deste binômio gênero-raça e das experiências das mulheres racialmente marcadas são desenvolvidas por pesquisadoras negras, que, segundo Caldwell (2000) e Pacheco (2008), ainda são inexpressivas, pois as pesquisadoras negras ainda constituem minoria no campo acadêmico <sup>8</sup>.

O feminismo dos anos 90, segundo uma perspectiva política, ou melhor, como um movimento social ativo, se vincula à luta pelo reconhecimento dos direitos. Para Soares (2004), o feminismo utilizará como recurso o conceito de sujeitos ativos, isto é, aqueles que definem os que são os seus direitos e lutam para o reconhecimento deles. “É a capacidade dos indivíduos de participarem na organização do Estado e da sociedade, contribuindo na elaboração de políticas públicas capazes de concretizarem direitos” (BENEVIDES apud SOARES, 2004, p. 172).

Nos relatos e nas trajetórias analisadas das ativistas negras, percebemos que em suas concepções, a articulação entre gênero e raça traduz-se e imbrica-se em suas trajetórias individuais,

---

<sup>7</sup>. Piscitelli, citando as contribuições da bióloga e historiadora Donna Haraway, apresenta o argumento de Haraway: “a insistência no caráter de construção social do gênero, o sexo e a natureza não foram historicizados e, com isso, ficaram intactas idéias perigosas relacionadas com identidades essenciais tais com “mulheres” ou “homens”. Desta maneira, assumindo a distinção sexo/gênero, o poder de desconstruir como os corpos, sexualizados e racializados, aparecem como objetos de conhecimento e espaços de intervenção na biologia estaria perdido. Além, disto, Haraway considera que a categoria gênero obscurece ou subordina todas as outras – raça, classe, nacionalidade – ‘outras’, que emergem das ‘políticas da diferença’. O problema reside no gênero como identidade global (e central).

<sup>8</sup> As lideranças entrevistadas para essa pesquisa possuem o ensino superior completo, todas com título de mestre, e, do total de dez, três são doutoras. A pós-graduação de todas foi na área de Ciências Humanas. Até a realização da entrevistas, somente uma trabalhava numa instituição de nível superior – da rede privada – e as outras atuavam como ativistas e profissionais de ONGs ou centros de pesquisas, instâncias de veiculação de suas produções. Ver Moreira (2007).



políticas e afetivas. Os conflitos de gênero se expressam entre mulheres negras ativistas e homens negros militantes; entre as feministas negras e as feministas brancas balizadas por reivindicações no plano dos direitos sociais e bandeiras políticas direcionadas às mulheres negras. No contexto de São Paulo, quanto no contexto do Rio de Janeiro e de Salvador, Bahia, o surgimento do MMN (Movimento de Mulheres Negras) na década de 1980, se deu em função de sua especificidade histórica (RIBEIRO, 1995; MOREIRA, 2007). Nas décadas seguintes do século XX e no início deste século, o feminismo negro brasileiro ampliou sua força organizativa, porém, as tensões entre os dois movimentos sociais: Movimento negro e movimento feminista vêm se traduzindo nas disputas e tensões simbólicas, políticas e afetivas entre militantes negros e negras no interior do movimento negro; as hierarquias de raça foram acionadas no confronto entre feministas negras e brancas; em concepções diferenciadas sobre feminismo e sua relação com outros movimentos sociais; nas disputas afetivas entre mulheres negras e brancas acionadas nas preferências afetivo-sexuais racializadas dos militantes negros por parceiros (as) não-negras; estas hierarquias de gênero-raça foram marcadas por disputas de poder político no interior dos dois movimentos sociais citados; na produção do conhecimento, ainda tímida, sobre as mulheres negras nas academias brasileiras no século XXI, nas três metrópoles citadas: São Paulo, Rio de Janeiro e em Salvador.

### *REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

- ALVAREZ, Sonia E. DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. *Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-Americanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.
- CALDWELL, K. L. *Fronteiras da Diferença: raça e mulher no Brasil*. Estudos Feministas. Florianópolis; CFCH- UFSC, vol. 08, nº 02, 2000.
- COLLINS, P.H. *Black Feminist Thought: knowledge, consciousness, and politics of empowerment*. New York; London: Routledge, 1991.
- CÔRTEZ, G. X. da C.. *Coisas de Pele: relações de gênero, literatura, mestiçagem feminina (Rio de Janeiro 1880-1910)*. Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro: UFF, 2005.
- KOFES, Maria Suely. *Experiencias sociales, interpretaciones individuales: posibilidad y limites de las historias de vida en las Ciencias Sociales* in: *Los Usos De La Historia De Vida En Las Ciencias Sociales – I*, (coords.) Lulle, Vargas y Zamudio, IFEA, ANTHROPOS, 1998.
- LE MOS, R. de O. *Feminismo Negro em Construção: a organização do movimento de mulheres negras do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia- UFRJ, 1997.





MOREIRA, Núbia Regina. *O Feminismo Negro Brasileiro: um estudo do Movimento de Mulheres Negras no Rio de Janeiro e São Paulo* (Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, 2007).

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. “Branca para casar, mulata para “F” e negra para trabalhar”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais, IFCH, UNICAMP, 2008.).

\_\_\_\_\_. Raça, gênero e política na trajetória de uma mulher negra chamada Zeferina. In: Almeida et alli(orgs.). *Gênero em matizes*, São Paulo: CDPAH/ EDUSF, 2002. pp.263-84.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. M. (orgs). *A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ UNICAMP, n. 48, novembro, 2002.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing, *Estudos Feministas*, (2), 1995.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.